

Terena reage às acusações contra índios

190 O objetivo interrompido de Álvaro Villas Boas

JAIR ACEITUNO

Álvaro Villas Boas não é o último dos Villas-Boas que se dedicaram ao trabalho com os índios, mas teve, recentemente, seu objetivo interrompido pela Funai: foi demitido do cargo de delegado da 12ª Delegacia Regional de Bauru. Disposto, ainda, a manter a tradição de seus irmãos Cláudio e Orlando, esse paulista da Capital, nascido no dia 2 de novembro de 1923, deixou até o curso de jornalismo que fizera, dois anos, para ser sertanista, acompanhado nessa missão pela mulher Rita de Cássia e duas filhas.

Fala calma e afeito a detalhes, cultiva como hábito a leitura de História Universal, Teologia (especialmente Santo Agostinho e seus contestadores) e, como autores nacionais, tem como preferidos Machado de Assis, Mário de Andrade, Carlos Drummond e Fernando Sabino. Dorme sempre depois de uma hora da madrugada, ocupando-se com a leitura no fim da noite, mas nem por isso se levanta tarde: às 7 horas deixa a cama e vai fazer seus exercícios na "bicicleta que não sai do lugar", para depois começar o trabalho diário que, até a semana passada, estendia-se até o final da tarde na Delegacia Regional da Funai em Bauru. Há dois anos, depois de fumar desde 1941, abandonou o cigarro, um pouco assustado com tanta notícia de que o fumo provoca câncer e outros males.

Sua vida profissional começou aos 16 anos, quando se empregou em firmas comerciais da Capital, exercendo nelas diversas funções para, em seguida, trabalhar durante 14 anos na Prefeitura Municipal de São Paulo. Seu primeiro contato com os índios, sobre os quais já tinha curiosidade através das narrativas dos irmãos mais velhos, deu-se em 1958, quando ele participou do Serviço de Unidade Sanitária Aérea (Susa), sob a coordenação do médico Noel Nutels.

Fez duas grandes viagens como diarista de expedição, registrando o que os médicos encarregados da vacinação antivaríola encontravam de doenças, num levantamento realizado naquela época. Na primeira saída, percorreu Rondônia e Acre — então dois territórios federais —, tendo sido o responsável pelo transporte até aquelas unidades da Federação das primeiras vacinas antiamarílicas (destinadas ao combate da febre amarela nos seringais). Na segunda, a equipe desceu o rio Araguaia desde Aruanã (MT) até Conceição do Araguaia (PA). Foi ali que se relacionou com os índios carajás, tapirapé e javaé. Saindo do barco, prosseguiu por via aérea com a equipe para as localidades de Cachimbo (aberta anos antes por Cláudio e Orlando) e Jacareacanga, indo depois ao Xingu, onde contactou com os índios camaiura e calapalo. Terminadas as expedições, escreveu re-



Arquivo

Álvaro, sertanista por tradição

latório de ambas e voltou ao seu trabalho na Prefeitura de São Paulo.

Em 1961, foi nomeado chefe da base de Aragarças, da Fundação Brasil Central (atualmente Sudeco), que controlava toda a pequena cidade e servia de apoio para os aviões do Correio Aéreo Nacional. Ficou sete meses e, com as mudanças de governo, foi para o Parque Nacional do Xingu, onde Orlando era o diretor, ali cuidando da parte burocrática. Em outubro de 1964, com os irmãos, participou da pacificação dos índios Txícaos, junto ao rio Jatobá. E, em 1965, voltou a São Paulo, permanecendo na Capital fazendo ligação entre o Parque e os organismos de governo (Ministério da Fazenda e Banco do Brasil), então com sedes no Rio.

Com a criação da Funai, em 1967, que absorveu o Parque do Xingu, acabou nomeado diretor do Departamento de Assistência do novo órgão em Brasília, mas não se deu bem — "O pessoal novo da Funai não entendia de índio e nós não conseguimos realizar nosso trabalho" —, demitindo-se meses depois. De volta a São Paulo, retomou as atividades ligadas ao Xingu e ficou responsável pela administração, também, dos três postos indígenas do Interior paulista, localizados nos municípios de Avaf, Tupã e Braúna, que estavam praticamente abandonados.

Estava assim, criada a Funai em São Paulo, subordinada à Delegacia Regional de Curitiba. Em 1976, a repartição foi transferida para Bauru e, logo em seguida, o então presidente da Funai, general Ismarth de Oliveira, ao visitar a área, determinou sua desvinculação de Curitiba e a inclusão, entre suas funções, da administração do posto indígena de Laranjinha, no Norte do Paraná. No ano seguinte, foi criada a Delegacia Regional, incluindo-se na sua responsabilidade também os postos indígenas de Peruíbe e os demais do Norte do Paraná.

(Ag. Estado/Bauru)

AGÊNCIA ESTADO

A participação do índio na Fundação Nacional do Índio (Funai) não é desordenada, mas com responsabilidade, disse ontem ao Estado, em Brasília o chefe de gabinete do órgão, Marcos Terena, após ler as declarações do chefe da delegacia de Porto Velho, Apoena Meireles. "É entristecedora essa história de que o índio está sendo corrompido com cargos e salários. Isso não passou na cabeça do índio" — lamentou. Terena revelou ainda que a delegacia de Bauru não foi extinta. O presidente da Funai Jurandy da Fonseca, antes de viajar para as áreas nhambiquaras neste final de semana, deixou pronta uma portaria transferindo a delegacia de Bauru para Londrina, no Paraná, e criando uma subdelegacia em São Paulo.

Terena manifestou grande admiração pelo chefe da delegacia de Porto Velho. "Além de ser um grande piloto, um companheiro de profissão, Apoena Meireles, como o presidente da Funai, nasceu em comunidade indígena." Lembrou, no entanto, que setores conservadores começaram a se sentir afetados a partir do novo movimento dentro da Funai, de participação do índio. "Infelizmente, estes setores sempre olharam para o índio como objeto de preservação de empregos e interesses pessoais. Sempre avaliaram o índio como incapaz de exercer qualquer atividade."

Apesar de muitos funcionários do órgão terem-se afastado — toda a antiga diretoria, por exemplo —, o chefe de gabinete da Funai acredita

que muitos ainda não conseguiram assimilar a nova política e "continuam tentando sorrateiramente fechar a possibilidade de participação do índio dentro da Funai". Mas ele garante que não haverá um retrocesso. "Estamos vivendo uma nova página da história do indigenismo brasileiro. O governo, quando resolveu mudar sua atitude para com a questão indígena, não cedeu. Muito pelo contrário: reconheceu o direito do índio e sua capacidade de participação nas negociações que envolvem seus interesses legítimos", justificou.

Amanhã, segundo Terena, a delegacia de Londrina começará a ser estruturada e, segundo a portaria, enquanto não estiver funcionando, as comunidades indígenas serão atendidas pela diretoria de Assistência ao Índio e pelos demais postos indígenas. O chefe de gabinete da Funai explicou que a localização da delegacia de São Paulo foi repensada, uma vez que, em Bauru, estavam sendo atendidas as comunidades de São Paulo e do Paraná, que são em maior número. No Estado surgirá uma ajudância da Funai, que corresponderá a uma subdelegacia, e deverá ser instalada na Capital ou em Santos. Essa questão, como os nomes dos novos dirigentes, ainda não está resolvida.

Em Bauru, a situação entre os índios permanece inalterada. Agora eles esperam pela presença do ministro do Interior, Mário Andreazza, e mesmo sem terem recebido nenhuma comunicação, admitem a possibilidade de ir a Brasília.

2º Clichê



Foto Adão Nascimento

Vice-ministra vai a aldeias do Xingu

A vice-ministra de Negócios Estrangeiros da Inglaterra, Jeane Young, que visitou ontem as aldeias indígenas do Parque do Xingu, foi recebida com entusiasmo pelos índios e assistiu sem surpreender-se ao "Quarup", com índios nus e pintados. O cacique Aritana disse que a vice-ministra era "pão duro", porque disse não ter nada para oferecer além de redes, materiais de pesca e bonecos para crianças. Mesmo assim a cunhada do cacique dedicou à visitante um presente todo especial, antes que ela retornasse a Brasília: uma pintura no rosto.